A cesta - figuração para um cooperativismo de plataforma experienciado em grupos de consumo solidário

The carrier bag - figuration for a platform cooperativism experienced in solidarity consumer groups

Laís Vargas Ramm[1], Vanessa Maurente [2]

[1]Psicóloga escolar na Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE) – Universidade Federal do Rio Grande (FURG) – Santa Vitória do Palmar, RS, Brasil.
[2]Docente do Departamento de Psicologia Social e Institucional e dos Programas de Pós-graduação em Informática na Educação e Psicologia Social e Institucional – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – Porto Alegre, RS, Brasil.

laisramm@gmail.com, vanessamaurente@yahoo.com.br

Recebido em março de 2025 • Aceito em maio de 2025 • Editora responsável: Gabriela T. Perry

Resumo. Este artigo discute experiências que se aproximam do chamado cooperativismo de plataforma, a partir de cinco iniciativas, três grupos de consumo responsável (GCRs) e duas cooperativas de consumo. Foram realizadas oficinas e entrevistas com estes coletivos, a partir das quais a cesta, que ali constitui-se elemento organizador do trabalho, apareceu de modo significativo nas narrativas. Inspiradas em Ursula Le Guin e Donna Haraway, tomamos então a cesta como uma figuração para o cooperativismo de plataforma, problematizando o uso, produção e efeitos das tecnologias. Substituindo as abordagens heroicas e patriarcais da tecnologia por modos mais localizados e cuidados de pensar sua ética.

Palavras-chave: economia solidária, consumo responsável, cooperativismo de plataforma.

Abstract. *This article discusses experiences that align with the so-called platform cooperativism, based on five initiatives: three responsible consumption groups and two consumer cooperatives. Workshops and interviews were conducted with these collectives, through which the carrier bag, an element that organizes their work, emerged significantly in their narratives. Inspired by Ursula Le Guin and Donna Haraway, we take the basket as a figuration for platform cooperativism, problematizing the use, production, and effects of technologies. This approach replaces heroic and patriarchal perspectives on technology with more localized and caring ways of thinking about its ethics.*

Keywords: *solidarity economy, responsible consumption, platform cooperativism.*

1. Introdução

Os avanços no desenvolvimento de softwares e a cultura do trabalho que caminha para uma organização cada vez mais comum por meio de plataformas suscitam debates sobre a economia e a produção de subjetividade. Como uma crítica a termos como "economia do compartilhamento", que desconsideram as condições de trabalho e a própria impossibilidade de compartilhar encargos e experiências em uma dinâmica de trabalho precarizado, surge o conceito de capitalismo de plataforma (Vasconcelos; Gomes, 2023).

Este artigo é parte de uma pesquisa de doutorado que investigou grupos que procuram estabelecer relações diferentes com o consumo e a produção. Especialmente por meio da compra coletiva de alimentos e outros produtos, advindos de empreendimentos de economia solidária e da agricultura familiar agroecológica. Trata-se de três grupos de consumo responsável (GCRs) que funcionam no Rio Grande do Sul e duas cooperativas de consumo, uma no mesmo estado e outra na Argentina. Utilizamos, no título do texto, o termo grupos de consumo solidário, por abarcar ambos os formatos de empreendimento econômico solidário. Na pesquisa, foram abordados processos de subjetivação, a produção de atenção em relação ao consumo e relações que englobam agentes humanos e não-humanos. As plataformas e softwares são parte importante destes coletivos.

O funcionamento dos grupos pesquisados conta com a participação de caixas ou cestas, que comportam sobretudo alimentos. Outro elemento organizador destes coletivos são plataformas digitais que expõem estes produtos e nos quais eles podem ser comprados. A alimentação e aquilo que é pautado politicamente sobre ela é um tema congregador que movimenta e produz a vida individual e familiar dos participantes, ao mesmo tempo que compõe coletivos maiores e dispara processos de autogestão e participação que intervém ali e para além dali.

O papel das caixas ou cestas se dá não apenas no sentido de comportar produtos até que cheguem aos consumidores, mas de demandar o trabalho coletivo de separação, organização e acondicionamento do que foi comprado. É parte do processo de participar de um grupo de consumo responsável, eventualmente, organizar a cesta do outro. Diferente da experiência no supermercado, na qual em geral enchemos nosso próprio carrinho e saímos carregando os ítens comprados em sacolas plásticas, por vezes com ajuda de um trabalhador da empresa, nos centros de distribuição, especialmente dos GCRs, o trabalho voluntário antecede o consumo. Este fator é apontado como um dos maiores entraves na sustentação destes coletivos, uma vez que os associados têm dificuldade de dispor tempo para tal atividade. Também é no trabalho voluntário que se dá parte importante da convivência entre pares e da construção de um padrão diferente de consumo, menos individualizado.

Foram realizadas oficinas com os sujeitos coletivos da pesquisa, bem como entrevistas individuais posteriores a estas para acompanhar as rever-

berações da atenção conjunta (Caliman et al, 2021) produzida no encontro. Nas sessões seguintes, debateremos, a partir de reflexões feitas nas oficinas, sobre as especificidades de um cooperativismo de plataforma, ensaiado e experienciado por estes grupos. Constituindo-se, portanto, uma crítica às relações de trabalho e consumo do que vem sendo chamado de capitalismo de plataforma. Esta se dá como um processo educativo, no sentido de permitir o direcionamento atencional para o consumo, a alimentação e os processos produtivos.

2. Estratégia metodológica

Esta pesquisa se deu por meio da realização de oficinas (Spink; Menagon; Medrado, 2014; Kroeff; Gavillon; Markuart, 2017) com empreendimentos de economia solidária organizados em torno do consumo, bem como de entrevistas com os participantes que se dispuseram. Os encontros aconteceram por meio da plataforma virtual de reuniões jitsi meet. Tivemos como inspiração metodológica a cartografia (Passos; Kastrup; Escóssia, 2015) em uma perspectiva imbricada com a pesquisa-intervenção.

Fizemos oficinas com três diferentes GCRs e duas cooperativas de consumo, tendo sido convidados também produtores naqueles em que houve possibilidade: relação estreita com os consumidores, acesso à internet, interesse, dentre outras condições. As oficinas tiveram duração de aproximadamente uma hora e meia. Os encontros abordaram duas questões norteadoras. A primeira se referiu aos aprendizados vividos no grupo durante o tempo de participação até o presente momento. A forma como ela foi colocada nas oficinas pode ser sintetizada assim: “Que aprendizados vocês tiveram, ao participar do grupo, que foram surpreendentes ou inesperados?” A escolha desta pergunta se deu como uma forma de ampliar a narrativa para além da proposição política e caracterização destes grupos, adentrando nas experiências concretas.

A segunda questão foi um exercício imaginativo. Questionou como os participantes supunham que o grupo de consumo estaria em dez anos. Se ele existiria ou não, como seriam as participações, que tecnologias estariam envolvidas. Estas perguntas tiveram o objetivo de investigar e promover o pensar coletivo sobre futuros possíveis a serem conjuntamente vividos.

Ao propor a noção de cooperativismo de plataforma e seus princípios, Scholz (2016) ancora-se em experiências existentes e outras ainda imaginadas. Em diálogo com o autor e a partir da análise das reflexões realizadas nas oficinas, destacamos a cesta como uma figuração do que seria o cooperativismo de plataforma já experienciado e também com elementos a imaginar pelos grupos de economia solidária. Uma figuração não é algo falso, mas uma imagem ou outro tipo de metáfora performativa que provoca/precipita a existência de outros mundos a partir de práticas da realidade.

Gavillon (2019), discutindo o conceito proposto por Haraway (1997) e relacionando com a temática do ensino-aprendizagem, descreve a figuração como a oferta de micromundo ao outro, de modo que ao aceitar este convite novas ações se tornam possíveis. O autor afirma que as figurações podem

ser ficções, mas não estão descoladas da materialidade do mundo onde são produzidas. Estão relacionadas a figuras, mas não são sempre ou somente imagens. Podem se organizar de diferentes formas e têm a finalidade de narrar uma subjetividade alternativa, com dimensão experiencial, e, podendo ser encarnada, intervém politicamente.

Uma figuração fala de mundos discutíveis, abertos em suas controvérsias (Latour, 2000). Uma figuração é um padrão que performamos a partir do nosso lugar situado na rede e das conexões que fazemos desde este lugar (Haraway, 2019). Neste trabalho, propusemos oficinas, que foram realizadas pela internet, para que se estabelecessem conversações sobre a participação nos grupos de consumo. Objetivamos que elas pudessem ao mesmo tempo abordar com seriedade aquilo que efetivamente acontece nestes coletivos e ficcionar futuros e sociabilidades possíveis, virtuais, que não estão descolados da realidade material da existência destes grupos, uma vez que muitas vezes são estas utopias, ou mesmo distopias, conjecturas ou sonhos, que motivam sua existência e continuidade.

De modo que as cestas e caixas apareceram em diversos momentos nas narrativas dos participantes durante as oficinas, estamos tomando-as como produto aqui considerado uma figuração para o cooperativismo de plataforma. A seguir, apresentaremos os participantes da pesquisa e abordaremos momentos das oficinas em que as questões referentes a estes coletivos foram tematizadas por meio das cestas.

2.1 Participantes

Participaram da pesquisa três GCRs: a associação de consumidores Feira Virtual Bem da Terra, da cidade de Pelotas, que funciona desde o final de 2014; o Armazém da Economia Popular e Solidária, de Rio Grande, que existe desde 2016 e o Grupo Araçá de Consumo Responsável, que existe em Novo Hamburgo desde 2015 e possui núcleos também em São Leopoldo e Campo Bom. Além dos GCRs, participaram duas cooperativas de consumo: a cooperativa de consumo GiraSol, existente desde 2006 na cidade de Porto Alegre e a cooperativa La Asamblearia, de Buenos Aires, Argentina, que por sua vez, tem sua organização mais coesa entre os produtores, ainda que esteja articulada ao grupo de consumo San Miguel, que leva para a cidade de nome homônimo produtos comprados coletivamente dos produtores. Este empreendimento foi incluído na pesquisa por possuir relações estreitas com o grupo Araçá, que o citou durante a oficina, por estabelecerem trocas comerciais e de aprendizado.

No total, participaram 16 pessoas das oficinas. Com exceção da Feira Virtual Bem da Terra, com a qual foram realizadas duas oficinas, porque havia pessoas interessadas em participar que não puderam estar na primeira data, com os demais coletivos foi feita uma oficina. Quanto às entrevistas pós-oficina, aconteceram sete. A fim de preservação das identidades individuais, os nomes dos participantes serão substituídos, nos relatos a seguir, por nomes de pássaros.

3. A cesta e o cooperativismo de plataforma

A participante Rouxinol, do grupo Araçá, traz em uma de suas falas durante a oficina, a importância da comida, da caixa e da plataforma:

> *Assim, a coisa que me encantou, quando eu soube que existia uma plataforma onde a pessoa podia clicar e encomendar as coisas que queria e escolher sem veneno e etc. Pra mim foi um achado quando eu descobri isso, né? (...) A ideia da plataforma pra mim era um sonho da minha vida, antes da pandemia antes de tudo, porque eu adoro poder escolher o que vai comer e comida sem veneno e tal. Então quando eu soube disso, era o meu sonho realizado, comprar numa plataforma assim era inimaginável, eu não conhecia ainda. E a partir disso é esse cuidado, né? Essa questão de escolher o que come, é que na verdade aqui em casa o pessoal deve estranhar, porque tem a dona Leoni que é um outro lugar de comida sem veneno, e quando eu to chegando eu chego com uma caixa, que só tem comida. As chegadas... Aí quando tem dia de mutirão do Araçá também, então o nosso foco acaba sendo a alimentação, o que é de comer. O que eu não consigo esperar o mês do Araçá então eu acho em outro lugar, mas o foco é esse, comida saudável, comida sem veneno e o Araçá propicia isso.*
>
> *(Oficina realizada em 06/12/2022)*

Ela destaca o fato de as compras serem realizadas na internet e o quanto esta facilidade influenciou para que começasse a integrar o grupo de consumo. Durante a oficina, ela também demonstrou muita preocupação com a organização dos mutirões de separação dos produtos em caixas para que sejam então enviados aos outros núcleos de consumo, além de apanhados pelos consumidores e prosumidores - aqueles que são ao mesmo tempo produtores e consumidores do empreendimento.

Trebor Scholz (2016) apresenta a proposta do cooperativismo de plataforma, uma forma de organização a partir de mudanças tecnológicas, culturais, políticas e sociais. Para o autor, não se trata de solucionismo tecnológico, mas de fazer uso ou clonagem de ferramentas desenvolvidas para o mercado, a partir de outros valores, de uma ética da economia solidária. Sua discussão parte do fenômeno chamado capitalismo de plataforma, que tem transformado o mundo do trabalho, remunerando mal prestadores de serviços e privando de direitos esses trabalhadores. Segundo o autor, "Uma plataforma, no contexto deste estudo, é o termo usado para descrever o ambiente no qual intermediárixs extrativxs ou cooperativxs oferecem seus serviços ou conteúdos." (Scholz, 2016, p. 61). A Uber, a Amazon e outras empresas da chamada economia de compartilhamento fazem intermediação de modo extrativo em relações sociais. Estas ficam invisibilizadas e empobrecidas. Ao mesmo tempo em que o consumidor adquire enorme poder sobre a vida de trabalhadores, por meio de avaliação em aplicativos, não há nenhum tipo de responsabilidade ou ocupação a respeito das condições nas quais vivem os trabalhadores que realizam partes importantes do que é necessário à manutenção das nossas formas de existir, seja no nosso próprio transporte ou na entrega de livros, café ou azeite.

O outro modo de intermediação se dá em plataformas cooperativas, funcionando a partir de alguns princípios que são descritos pelo autor. O primeiro é a propriedade, contrastando com os discursos contemporâneos de que o desejo seria mais de acessar coisas do que possuir bens. No cooperativismo de plataforma, tal como na economia solidária mais amplamente, a propriedade coletiva do ambiente que sintetiza relações de trabalho, como um software, por exemplo, é priorizada.

A plataforma referida por Rouxinol como sonho realizado, no caso do grupo Araçá, é um site próprio, desenvolvido pela Cooperativa Eita (Cooperativa de Trabalho, Educação, Informação e Tecnologia para Autogestão), que também é um empreendimento de economia solidária da área de desenvolvimento de tecnologias da informação. Neste site, também há uma cesta virtual em que os consumidores, a cada ciclo mensal, selecionam os produtos de que necessitam para enviar um pedido. Não é, no entanto, como um carrinho de compras de um site qualquer, justamente pelo continuum que se estabelece entre a cesta virtual e a caixa ou cesta física, não apenas a própria, mas a de outros consumidores. Recipientes relacionados entre si pelo trabalho voluntário realizado em mutirão. Também se diferencia da sacola plástica, que portamos de modo ambientalmente desimplicado. E das caixas de compras feitas pela internet, recebidas em casa, com grande agilidade, contendo todo o tipo de produto a partir de um paradigma de eficiência e inovação, que Scholz (2016) nos sugere ressignificar, uma vez que acontece a partir da geração de lucro para poucos. A construção de outras éticas, no cooperativismo de plataforma, permite para os coletivos de usuários e desenvolvedores a inserção em práticas que também são educativas, uma vez que permitem aprendizados que podem ser traduzidos como deslocamentos nas relações entre pares e com as tecnologias.

Ursula Le Guin (1989) pensou na importância dos recipientes para formular uma teoria da ficção com base no desenvolvimento da humanidade e da cultura. Ela aponta que no paleolítico, neolítico e na pré-história, a maior parte dos nossos alimentos eram vegetais que podiam ser coletados, além de pequenos animais capturados com armadilhas simples. Apesar disto, as grandes histórias contadas e registradas na forma de desenhos em cavernas, são da caça de grandes animais. Assim, o paradigma do heroi foi se estabelecendo na contação de histórias, e as armas, as ferramentas pontiagudas, foram sendo consideradas construtoras da civilização. Mais do que os animais e a carne em si, as narrativas de violência ganham protagonismo nas relações sociais e nas histórias que chegam até nós. Por outro lado, há uma teoria de que o primeiro dispositivo cultural teria sido um recipiente, algo capaz de guardar os alimentos coletados.

Ursula quer discordar de um paradigma de literatura, e, especificamente, de ficção científica, em que o conflito é o centro. Quer combater a invasão da figura do heroi até mesmo no romance, que seria uma narrativa não-heroica, a partir daquilo que comporta a vida.

Junto com o questionamento das narrativas literárias, ela quer contestar as histórias do que entendemos por civilização, o que constitui as culturas. E até o trabalho, uma vez que à época da primazia das coletas, segundo ela, era possível viver bem com cerca de 15 horas de trabalho por semana. O de-

senvolvimento da tecnologia e da ciência modernas a partir das ferramentas que foram ganhando protagonismo, também seriam empreitadas heroicas, lineares, dispositivos de progresso. Cada vez mais, atualmente, na sociedade capitalista.

A partir da proposta de Ursula de retomar a cesta, os recipientes, de tentar fazer histórias interessantes com grãos e suas vagens e não com grandes caçadas, é possível pensar histórias e modos de narrar o mundo menos patriarcais. Para as mulheres guaranis, por exemplo, o cesto simboliza o poder do útero de ser carregado e descarregado (Lorenzoni; Silva, s.d). Trebor Scholz (2016) também entende que é na contação de outras histórias onde reside a maior contribuição do cooperativismo de plataforma. Ora, talvez estas plataformas não vençam a competição com as grandes empresas que ganham êxito no capitalismo de vigilância, mas elas podem recolocar a nossa capacidade de imaginar outros modelos de trabalho, consumo e vida. Repovoar ou reflorestar a nossa imaginação devastada, derrotada pelos herois com armas mais poderosas, mas não mais imprescindíveis que as nossas cestas. Como exemplifica Ursula, de que adiantaria a enxada que retira as batatas da terra, se não posso guardá-las em algum lugar para comer mais tarde?

Sidarta Ribeiro (2022) traz a produção de alimentos, remédios e cestos a partir de plantas silvestres como uma atividade historicamente feminina, muito provavelmente entrelaçada com o desenvolvimento de conhecimentos matemáticos e geométricos. A invisibilização desses ofícios e dos conhecimentos produzidos com e a partir deles contribui para a construção dos mundos competitivos e patriarcais que estamos acostumados a naturalizar. O autor, ao remeter-se às contribuições de Carol Gilligan sobre a ética do cuidado, afirma que a espécie humana vem se caracterizando pela dicotomia entre cuidado com os mais próximos e competição com quem está fora do círculo de intimidade. Os grupos de consumo, em certa medida, por expandirem para além do círculo da família a implicação com o abastecimento da casa, bem como tecerem laços com os produtores, desarranjam estas esferas.

As participações na pesquisa (considerando desde as respostas ao formulário que convidava para as oficinas) foram de 15 mulheres e 4 homens, o que de um lado confirma a composição dos empreendimentos de economia solidária no Brasil, de maioria feminina (Brasil, 2007). De outro, situa o lugar das narrativas e dos saberes que nos permitem tomar a cesta como uma figuração.

Assim, tomo aqui a cesta e a caixa, estes recipientes, receptáculos, tão presentes no cotidiano dos grupos de consumo responsável/solidário e nas histórias contadas nas oficinas, como uma figuração para o cooperativismo de plataforma. Nelas guardamos e carregamos padrões, modelos ainda em construção, de vida, trabalho e consumo. Tal como as plataformas, elas são tecnologias indispensáveis e podem servir para pensar um desenvolvimento tecnocientífico que esteja a serviço da vida, cooperada, comum, não estratificada, sustentada no bem-viver coletivo.

4. Plataformas digitais que compõem os grupos e seus movimentos éticos

A organização dos grupos de consumo aqui estudados constitui o desenvolvimento de uma tecnologia ou diferentes tecnologias cooperativas de gestão e relações de trabalho e manutenção da vida, no sentido do abastecimento. Quanto às plataformas digitais, não são usadas apenas as desenvolvidas e mantidas cooperativamente, mas também ferramentas convencionais, como whatsapp, facebook e instagram. Ambos os grupos de ferramentas participam do ciclo que culmina nas cestas e caixas.

Bem-te-vi traz o fato da discussão sobre as redes sociais já compor o repertório do Grupo Araçá há algum tempo.

> *A gente discutiu em alguns momentos sobre isso de ter rede social e tudo mais, mas tem algo bem presente assim lá do início também do Araçá que é pra além da gente estar num campo dos movimentos sociais, também da economia solidária, também tava bem presente essa opção pelo software livre né? Que enfim, vem dessa caminhada daquelas pessoas que tavam ali no início, de nós quatro que tava lá no início e que a gente foi mantendo e é isso, a* ***Rouxinol*** *eu sei que também partilha dessa mesma prática, e aí uma das reflexões tinha a ver com isso, que a gente não queria, que a gente queria se manter no campo do software livre, e com isso fazer uso dessas outras plataformas saía do que a gente tinha se colocado como prática. Acho que esse é um primeiro elemento. E aí é isso, tinha algumas pessoas que até pouco tempo, eu mesma né, não tinha zap, outras pessoas não tinham também, a* ***Rouxinol*** *segue não tendo, então tem assim um posicionamento em torno do software livre e não proprietário e contra as corporações, que a gente sustentou durante bastante tempo.*
>
> *(Oficina realizada em 06/12/2022)*

A participante Bem-te-vi se refere à sustentação de uma ética do software livre, conjugando o verbo no passado, não porque o problema tenha sido superado ou não esteja vivo no coletivo, mas porque foram feitas algumas concessões. Entre os exemplos citados, além do próprio uso individual do Whatsapp, também está a criação de um grupo, na mesma plataforma, em que apenas administradores podem enviar mensagens, para fins de recados sobre abertura do ciclo, sobre a escala de voluntários para o mutirão e outros assuntos. Outra decisão que segue o mesmo movimento, mencionada nesta oficina, foi a criação de uma conta no instagram para o grupo. Decisão esta que não havia chegado a se concretizar. Outra deliberação, esta sim cumprida, foi a criação de uma conta de email na plataforma Rise Up, de software livre. Rouxinol conta de limitações que este possui, não podendo ser enviados arquivos muito grandes, por exemplo.

Em tom de brincadeira séria, comentei que não poderia deixar de observar que dentre as deliberações tomadas no GT comunicação, aquela que ain-

da sustentava a ideia do software livre havia sido implementada, enquanto a conta no instagram, que fugia aos princípios originais do grupo, ainda era postergada. Foi um momento de descontração, no entanto o atraso foi atribuído aos diferentes tempos e sentimento de urgência dos responsáveis pelas tarefas. Sobre a "lista" de emails, antes da adoção da plataforma Rise up, o coletivo se utilizava de outra, igualmente livre, desenvolvida pela cooperativa Eita, que acabou apresentando alguns problemas em relação às necessidades do grupo. O objetivo foi manter-se na ótica do software livre, ainda que parcialmente. Ao mencionar as dificuldades com o uso da plataforma anterior, Rouxinol cita que um email que funcione efetivamente em formato de lista não é algo simples, que também a Google não é suficientemente eficaz, mas que a apropriação da ferramenta do Rise up, para a qual ela teve ajuda de um membro da cooperativa Eita, havia representado uma solução. Dentre os princípios do cooperativismo de plataforma proposto por Scholz (2016) está o trabalho codeterminado, que implica no envolvimento dos trabalhadores (ou prosumidores) em todas as etapas do desenvolvimento de softwares, da programação ao uso. Isto permite uma troca de saberes para conhecimento dos usuários das plataformas, mas também dos experts na área de programação, no sentido de conhecerem os ritmos de trabalho.

A citação dos problemas do email da Google e da complexidade do uso e desenvolvimento de plataformas digitais se deu no sentido de problematizar a posição passiva em que majoritariamente nos mantemos na relação com as plataformas comerciais e proprietárias. Há uma tendência, para o usuário não alfabetizado nas estratégias de desenvolvimento de software, de pensar a agência destas tecnologias a partir do que elas oferecem. Em consequência, sua participação em nossos coletivos mais-que-humanos se determina de modo hierárquico a partir do que estas ferramentas permitem. Não há, deste modo, uma reflexão do que localmente seria interessante ou necessário para cada coletivo ou comunidade. Isto difere o software livre, que pode ser transformado por usuários em diferentes contextos, possibilitando exercícios de tecnodiversidade (Hui, 2020), de pensamento local da tecnologia.

Silveira (2004) define o software livre como aquele que possui o código-fonte aberto, de modo que possa ser estudado, melhorado e distribuído. O movimento que preconiza esse tipo de relação com o desenvolvimento de programas de computador empreende uma luta pelo compartilhamento do conhecimento tecnológico, compreendendo que o software é um dos principais produtos da sociedade de redes. O autor enfatiza que é importante desfazer a frequente confusão entre "livre" e "gratuito" ou livre e não comercial. Os desenvolvedores que, ao redor do mundo trabalham com software livre comprometem-se, podendo utilizar-se de licença copyleft, a manter as liberdades de distribuição e conhecimento, o que não significa qualquer tipo de proibição de comércio. Google Chrome e Android são exemplos de software livre comercial e capitalista.

Apenas na oficina do Grupo Araçá a discussão do software livre foi trazida diretamente, abordada ali como contraponto às plataformas comerciais. Não chegamos a discutir a questão da licença e propriedade da informação e do conhecimento desenvolvido na programação. As redes sociais, por outro lado, foram um tema mais recorrente, e também foram assaz discutidas na

oficina com o grupo Armazém da Economia Popular e Solidária, Feira Virtual Bem da Terra e cooperativa la Asamblearia.

O movimento do software livre compõe as discussões da economia solidária, participando das éticas que ali se inventam, junto com outras abordagens da tecnologia, como a agroecologia. O cooperativismo de plataforma, por sua vez, é um debate complementar necessário. Ou seja, é importante priorizar programas com código-fonte aberto, no reconhecimento de que a programação é uma alfabetização interessante e que demanda maior democratização. Sem deixar de sustentar e reinventar, concomitantemente, os princípios da economia solidária, de modo que os fluxos de produção, comércio, distribuição de bens materiais, amparada pelos bens imateriais da informação e da informática, siga um caminho desejável para o viver e morrer bem coletivos.

As plataformas que intermediam relações, não apenas comerciais, mas de mútua educação, no sentido das trocas que se estabelecem entre o urbano e o rural, nas pedagogias estabelecidas a partir da narrativa e da observação do trabalho, não são apenas os sites de compras. Ali, organizam-se as cestas, mas é também no whatsapp que se fazem combinados, em alguns grupos no instagram e no facebook realizam-se divulgações, dentre outras ações. Pensar os movimentos e as éticas que constituem estas plataformas é fundamental.

Na oficina realizada com o grupo Armazém da economia Popular e Solidária, Beija-Flor contou um pouco sobre como é sua comunicação com os produtores, via whatsapp:

> *A foto das hortas, a foto do produto que tá bonito, o áudio, sabe que eu gosto muito, Laís, com o pessoal que eu não conheço, ali do sítio Amoreza, eles me passam áudio, e eu gosto muito. Tem gente que não gosta de receber áudio, e eu gosto muito, porque eu escuto o jeito deles falarem, o sotaque que eles falam, e isso me aproxima, sabe? Aquele pessoal que tá aqui perto que eu não tenho contato diário, mas que eles estão ali, eu acho isso muito legal, eu fico ouvindo, me interessa ouvir, acho muito legal quando eles me dizem 'ah essa semana, sei lá, não teve cebolinha porque não choveu' (...) Essas coisas vão te alimentando, sabe? Vão te dizendo que vale a pena. (Oficina realizada em 29/11/2022)*

Beija-flor destaca o papel do áudio do whatsapp nas comunicações que estabelece com os produtores, que motiva seu trabalho com eles e estabelece proximidade. Na mesma oficina, vínhamos falando da participação do whatsapp e da conexão constante à internet na produção de sofrimento, por meio de cobranças diversas, da vida profissional, familiar ou acadêmica. Diante do relato afetivo em relação às mensagens trocadas com produtores, questionei como isto que ***interessa ouvir,*** conforme ela refere, sendo diferente das mensagens que chegam às 11 horas de noites de inverno, como ela mesma havia comentado em relação a situações de trabalho, podia estar na mesma plataforma. Ao que me respondeu:

> *A gente tem um contrato de respeito com os grupos, a gente tem os nossos horários, eles sabem que a gente tá trabalhando aqui. Claro que eventualmente algum nos passa alguma coisa num domingo, porque precisou, porque não se deu conta antes. E a gente entende muito bem isso, porque a gente às vezes também precisa. É um contato numa mesma plataforma, mas mesmo nessas plataformas digitais tu tem que ter o respeito ao tempo do outro, ao horário de descanso do outro (...) Às vezes alguém te manda alguma coisa que poderia ser no teu horário de trabalho, ou até alguém da tua família que extrapola e te passa uma mensagem à 1 hora da manhã. Então assim, as plataformas e como tu usa... o mundo e as redes, elas são inevitáveis. Só que eu acho que mesmo pra utilizá-las a gente precisa ter alguns parâmetros de respeito, de cuidado. Por exemplo, nós nunca passamos alguma coisa pro produtor, perguntando o que ele tem pra nos oferecer, às 10 da noite, porque eu entendo que a rotina dele começa quando nasce o sol, e agora o sol tá nascendo as 5 e pouca da manhã e que às 10 horas é hora de ele ta dormindo há muito tempo, então assim, a gente tem que criar um ambiente de respeito com o outro mesmo que nas plataformas, porque nós não temos mais como fugir, nós não temos como fugir do whatsapp,(...) mas a gente tem como se respeitar dentro desse sistema, e eu acho que o que tá faltando é isso, e a gente nota que esses produtores, eles são sempre muito cuidados conosco assim, sabe?*
>
> *(Oficina realizada em 29/11/2022).*

Diferentemente da posição apresentada na oficina com o grupo Araçá, de uma tentativa, por parte de alguns integrantes, de não estar no whatsapp e até recentemente do próprio coletivo não ter um grupo na plataforma, aqui, redes como esta são compreendidas como inevitáveis. Isto se relaciona a diferentes conexões com as tecnologias da informação, uma vez que conforme contaram na oficina, o início do grupo Araçá foi já marcado pela participação de pessoas que militam pelo software livre e trabalham na área. Os distintos conhecimentos neste campo também contribuem para o exercício de elementos morais nestes coletivos. O que é referido como um contrato de respeito é um uso específico do whatsapp, diferente do fluxo ininterrupto de comunicação para o qual tendem as comunicações atualmente.

Na cooperativa la Asamblearia, o tempo de alimentar as redes sociais como forma de divulgação do empreendimento é considerado hora de trabalho, tal como qualquer atividade de produção, ainda que realizado de modo crítico a estas plataformas. Reconhecer como trabalho o uso das redes sociais do grupo é uma forma de manter algum limite, no âmbito da vida digital, entre o que é trabalho e o que é entretenimento, limite este que tende a ser borrado nas relações de trabalho e subjetivação neoliberal. Entre os princípios do cooperativismo de plataforma, cunhados por Scholz (2016), está o direito de se desconectar. Esta proposta seria de fronteiras claras, para que os trabalhadores de plataformas tenham direito ao relaxamento, ao aprendizado lento e ao envolvimento político voluntário.

Byung-Chul Han (2021) fala da nossa relação com o tempo, na ética neoliberal, como composta por trabalho ininterrupto. Mesmo as pausas, inclusive o sono, são fases de produção. Nada realmente se conclui, e as mensagens infinitas, muitas vezes sem cumprimentos e despedidas, a qualquer horário, podem ser pensadas como um bom exemplo deste tempo inconcluso do que o autor chama de sociedade do cansaço. Ele propõe que o tempo do outro, diferente do tempo do eu no qual estamos imersos, promoveria a comunidade e poderia possibilitar a cura para as nossas doenças temporais.

Em uma perspectiva foucaultiana, é na relação com a moral que o sujeito incide sobre si o trabalho ético. Para as participantes desta oficina, o que possibilita o contrato de respeito que elas possuem com os produtores são os princípios da economia solidária. Além deles, também haveria influência dos tempos da vida rural, diferentes dos vivenciados na cidade: o chimarrão depois do almoço, o cochilo antes de retomar o trabalho. Não chegou-se a cogitar nesta oficina, a recusa ao whatsapp, mas uma recusa à anulação do tempo de descanso ou da transformação deste em mais trabalho, disfarçado de trocas de mensagens.

Quando Foucault (2004) estuda a correspondência, ele sugere que ela seria uma forma de apresentação do sujeito ao outro, de presentificação do ausente. Ao mesmo tempo, naquele que escrevia, agia seu próprio texto por meio da releitura. A troca de mensagens constantes diferencia-se das correspondências e talvez se observe ali um sujeito menos coeso ou objetificado pelo exame de si mesmo e do outro. A relação com a verdade, nas mensagens sobre diversos temas e com diferentes interlocutores concomitantemente, se dá em outro tempo. A isto Deleuze (1992) alertava ao se referir aos dispositivos da sociedade de controle, que produziam divíduos, mais do que indivíduos. Assim, na ética neoliberal, temos sujeitos vacilantes, constantemente conectados a serviço do consumo.

Estas práticas dos grupos de consumo responsável, na pista trazida por Beija-Flor, incluiriam o tempo do outro na relação com as plataformas proprietárias e comerciais. São as tecnologias da economia solidária e os hábitos trazidos pelos sujeitos que compõem os empreendimentos que fazem estas fissuras. Assim, não há uma única forma de experimentar as tecnologias como produtos comerciais no capitalismo, mas algumas recusas podem ser observadas como exercício ético possível no aprendizado que se constroi com os agricultores, por exemplo.

Na cesta de valores ou princípios morais composta pelas tantas mãos que integram os GCRs e cooperativas de consumo, está presente tanto a recusa ao uso do whatsapp quanto o seu uso com parcimônia e respeito ao relógio ou ao tempo dos ciclos solares. No formulário que continha o TCLE, a participante Tacuarita Azul, da cooperativa La Asamblearia escreveu ao final: “NO PERMITO que ninguna información por mi comunicada sea enviada, usada o comentada hacia y por agencias privadas de marketing, divulgación ni de ningún otro tipo.” Intrigada com o que poderia significar aquela declaração, me certifiquei de que as informações que produzimos juntas na conversa poderiam compor a pesquisa, e ela disse que sim, para as universidades suas ideias estavam disponíveis para publicação, discussão. No entanto, contou que ela e outras pessoas sempre escreviam isto para marcar uma posição

política em relação ao extrativismo de dados tão largamente presente nas plataformas digitais. Trata-se de um paradoxo, uma vez que o formulário preenchido foi enviado via google forms.

O encontro com as participantes da pesquisa suscitou a reflexão sobre a minha implicação como pesquisadora, não apenas no que tange às práticas individuais, mas também à inserção em uma área que discute os efeitos dos nossos acoplamentos com as tecnologias nos processos de ensino-aprendizagem. Os encontros da pesquisa indicam que embora os grupos se dediquem especialmente aos alimentos agroecológicos, o debate do consumo inclui a intersecção com o trabalho atencional que fazemos ao estar nestas plataformas, ainda que de forma embrionária.

5. A cesta de produtos

A alimentação é o principal elemento articulador dos grupos de consumo responsável. No caso da cooperativa La Asamblearia, em que a organização se dá mais em torno da produção do que do consumo, o caso é um pouco diferente, pois existem outros produtos do qual o coletivo se ocupa, como cosméticos, cadernos e camisetas. Nos GCRs e na cooperativa GiraSol, igualmente existem outros produtos, como o artesanato, bebidas e roupas, cujos produtores têm participação tão ativa e importante quanto os agricultores, em muitos casos. A alimentação, no entanto, é a demanda mais frequente dos consumidores assíduos, além de ser a maior oferta de produtos.

Bandoleta conta como entende que sua relação com a alimentação foi revolucionada pela cooperativa GiraSol:

> *A relação com a comida que a GiraSol me trouxe foi revolucionária, essa diversidade que o* **Curió** *fala... Tu te aproxima de quem faz, de quem produz, essas visitas que a gente faz, que a gente tem feito e fez há um tempo atrás também nos agricultores, nas famílias agricultoras, isso muda completamente a relação da gente com a comida. E aí tu traz isso, essas vivências de ir lá onde a abobrinha é plantada, onde o tomate é plantado. Isso já muda a relação com os consumidores aqui no armazém, tu poder dizer quem são as pessoas, poder dizer o que que eles fazem, como é que eles vivem, os hábitos que eles têm, isso faz mudar a relação com aquele alimento. Na minha vida pessoal, eu não tenho dúvida que revolucionou. Tanto a minha forma de me alimentar, mas também o meu gosto por preparar esses alimentos, a curiosidade, a vontade, o apreço por cozinhar, a cozinha ser a parte mais legal da casa. De eu querer arrumar, de eu querer estar ali, isso pra mim foi revolucionário assim, e eu não tenho dúvida que tem a ver primeiro com essa proximidade que a gente acaba tendo com as pessoas que produzem e também essa discussão toda que a gente acaba fazendo da importância do alimento orgânico, né? Do alimento orgânico e agroecológico, então tudo o que envolve a agroecologia. (Oficina realizada no dia 07/12/2022)*

No relato de Bandoleta, as visitas e a possibilidade de conhecer a vida dos produtores se atualiza no consumo, na cozinha e na relação com a comida. Na oficina realizada com o grupo Armazém da economia Popular e Solidária, Beija-Flor também falou do privilégio que ela e as demais trabalhadoras da incubadora[1] têm por ter um contato mais direto com os produtores, o que acaba não acontecendo com todos os consumidores. O que comparece nestas oficinas é uma conexão entre o alimento e a sua história e um sentido de presença desta história ao cozinhar e comer.

Na oficina realizada com Tacuarita Azul, da cooperativa la Asamblearia, ela contou como o grupo de produção do qual participa, Colectivo Hierbas y Flores organiza-se em relação à divisão de trabalho e às retiradas. Ela faz uma crítica à regulação da produção a partir da demanda, dando exemplos como o vinho branco, que é oferecido por outro grupo da cooperativa. Algumas pessoas chegam a demandar vinho tinto, mas não faria sentido para os produtores da região iniciar o cultivo de outro tipo de uva. Segundo sua compreensão, a normatização do trabalho a partir da demanda agrediria ecossistemas sócio-culturais e ambientais. Desse modo, em seu coletivo de produtores, quando há períodos em que os consumidores demandam creme para as mãos, mas menos camisetas são vendidas, os produtores de camisetas participam conjuntamente da produção de creme para as mãos, mas não é abandonado o seu produto original:

> *Seis producimos diferentes cosas, pero todos ganamos lo mismo, no importa la demanda. yo por ejemplo hago jabones, te pongo un ejemplo, pero concreto. Jabones y shampoo y talco y otro hace cremas faciales y shampoo y el otro hace toallas y camisas. Entonces todos lo ponemos en colectivo y lo remitimos juntos, lo hacemos juntos y lo dividimos por cien. Después si se vende más crema, bueno nos repartimos la producción, el que hacía shampoo también hace crema. Es mucha carga de trabajo, pero todos ganamos lo mismo. (Oficina realizada em 03/02/2023).*

A inspiração para este modo autogerido e não hierárquico de produção, que não define as retiradas diretamente a partir das vendas, segundo Tacuarita Azul, seria a experiência brasileira do MST (Movimento dos trabalhadores rurais Sem Terra). Assim, os produtores oferecem uma diversidade de produtos, não restringindo aos mais vendidos, para que os consumidores possam formar suas cestas também com os saberes e as histórias dos trabalhadores, bem como com os elementos que a natureza e a cultura da região permitem produzir.

Em uma das oficinas realizadas com a Feira Virtual Bem da Terra, a questão da diversidade da cesta foi um ponto levantado como uma vantagem ao participar do coletivo de consumo. Em ambas as oficinas com este GCR, a questão da nomeação dos produtos se apresentou: alguns produtores chamam o mesmo vegetal por um nome, outros por outro, do mesmo modo varia entre os consumidores. Para além disso, a quantidade possível de ser ofertada é apontada como um aprendizado. Participar de um grupo de consumo, em contato mais direto com os produtores, seria, segundo esses par-

1 Além de consumidoras, elas participam da assessoria ao empreendimento através do NUDESE (Núcleo de desenvolvimento Social e Econômico da Universidade Federal do Rio Grande).

ticipantes, uma forma de também ampliar o conhecimento dos alimentos e variar a própria alimentação.

6. Considerações finais

Na cesta dos empreendimentos de economia solidária implicados com o consumo, dispomos de valores, aprendizados, tradições e movimentos sociais. Considerando as contribuições destes coletivos para ampliar a compreensão e as experiências de cooperativismo de plataforma, bem como restabelecer nossa imaginação de futuros possíveis, há que se pensar no papel das plataformas utilizadas nesse contexto. Uma das críticas trazidas pela perspectiva do cooperativismo de plataforma é de que não se trata de solucionismo tecnológico. Dito de outra forma, as plataformas, desde sua produção até o seu uso não podem ser consideradas isentas politicamente ou portadoras da solução para as relações sociais, produção subjetiva, impacto ambiental ou produção de saúde.

Em algumas narrativas que apareceram na pesquisa, as relações seriam mais relevantes que o tipo de plataforma, sendo possível conservar um contrato de respeito e limitações no tempo de conexão ou na demanda do outro, mesmo no instagram ou no whatsapp, por exemplo. Isto é interessante no sentido de considerar o que existe para além das plataformas em cada grupo social, o que mais compõe a cesta. No entanto, as iniciativas que procuram redistribuir poder e capital na internet, por meio da produção de outras plataformas, atreladas à reflexão e organização para o consumo, parecem se apresentar como fundamentais aos movimentos cooperativista, da economia solidária, da sustentabilidade e outras práticas que se entendem e se desejam anticapitalistas.

O Coletivo Políticas do Narrar (2022) sugere, a partir de Le Guin, que na cesta o heroi fica junto com os demais personagens. Não há nele centralidade ou necessariamente protagonismo. Outras entradas são possíveis para as histórias contadas. No trabalho coletivo acontece movimento semelhante, uma vez que existem lideranças e até a distribuição de saberes no grupo que contribuem para a instituição de papéis diferentes, mas a autogestão situa estas singularidades na cesta. Não como uma horizontalidade sempre pronta, sem transformações, conflitos interpessoais e lutas pessoais internas, mas que conta com espaços lisos, abertos, para que ocorra o tramar coletivo.

Em diferentes oficinas, foi referida a atuação dos participantes em múltiplos espaços sociais. Esta constatação apareceu, para o Grupo Araçá, por exemplo, no sentido de uma certa tranquilidade ao imaginar o futuro. O grupo de consumo tem funcionado, ao longo de sua história, como um ambiente onde as pessoas se encontram para ter outras ideias. A Feira Viva, primeira feira orgânica da cidade de Novo Hamburgo, é um exemplo disso, assim como um Banco do Tempo e outras experiências que surgiram por meio do coletivo ou passaram a ter a participação de seus integrantes. Caso o GCR não exista, apontou Rouxinol, outras iniciativas estarão acontecendo no sentido de construir um mundo melhor.

A cesta não é um recipiente em que tudo cabe. Ao contrário, sua utilização implica no cuidado da escolha do que vai ser guardado e transportado ali. Implica uma ética. Isso inclui parcerias, princípios, literalmente os produtos e tecnologias. E engloba relações para além dos empreendimentos, na construção da imaginação de futuros possíveis.

7. Referências

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Atlas da Economia Solidária 2007. Disponível em: https://acesso.mte.gov.br/data/files/8A7C816A2E7311D1012F4F674618242E/Atlas%20da%20Economia%20Solid%C3%A1ria%20-%20publica%C3%A7%C3%A3o.pdf Acesso em: 24 fev. 2025.

CALIMAN, Luciana *et al.* O cultivo atencional como exercício de participação: oficinar com crianças na saúde mental. *Ayvu*: Revista de Psicologia, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 42-66, dez. 2018. Disponível em:. https://periodicos.uff.br/ayvu/article/view/27401/16000. Acesso em: 28 abr. 2021.

DELEUZE, Gilles. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. In: DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1992. p. 219-226.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: **Ditos & Escritos V** - Ética, Sexualidade, Política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1983-2004, p.141-157.

GAVILLON, Póti Quartiero. Teorias cognitivas não representacionais: autopoiese, enação, simpoiese e enação autopoiética. 2019. 128 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Psicologia Social e Institucional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/196818/001096611.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 15 dez. 2021.

HAN, Byung-Chul. **Favor fechar os olhos**: em busca de outro tempo. Petrópolis: Vozes, 2021.

HARAWAY, Donna. Modest_Witness@Second_Millennium.FemaleMan©_Meets_OncoMouseTM: Feminism and Technoscience. New York: Routledge, 1997.

HARAWAY, Donna. **Seguir con el problema**: generar parentesco en el chthuluceno. Bilbao: Consonni, 2019. 365 p.

HUI, Yuk. **Tecnodiversidade**. São Paulo: Ubu, 2020.

KROEFF, Renata; GAVILLON, Póti; MARKUART, Erika Neres. Intervindo em oficinas: presenças que performam. In: MARASCHIN, Cleci; KROEFF, Renata; GAVILLON, Póti. *Oficinando em Jogos Digitais: Experiências de aprendizagem inventiva*. Curitiba: CRV, p. 119-132, 2017.

LATOUR, Bruno. **Diante de gaia**: oito conferências sobre a natureza no antropoceno. São Paulo: Ubu, 2020.

LE GUIN, Úrsula K. A ficção como cesta: uma teoria. In: **Dancing at the Edge of the World – Thoughts on Words, Women, Places**. Ed. Grove Press, 1989. Tradução: Priscilla Mello. Revisão: Ellen Araujo e Marcio Goldman.

LORENZONI, Claudia A. C. de Araujo; SILVA, Circe Mary Silva da. **Cestaria guarani do Espírito Santo e a matemática na educação escolar indígena**. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Claudia-Lorenzoni/publication/41555051_Cestaria_Guarani_do_Espirito_Santo_na_educacao_escolar_indigena/links/59ca5aa645851556e97dfea1/Cestaria-Guarani-do-Espirito-Santo-na-educacao-escolar-indigena.pdf. Acesso em: 29 ago. 2023.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. *Pistas do método da cartografia*: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015.

RIBEIRO, Sidarta. **Sonho manifesto**: dez exercícios urgentes de otimismo apocalíptico. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

SCHOLZ, Trebor. **Cooperativismo de plataforma**: contestando a economia do compartilhamento corporativa. Berlim: Fundação Rosa Luxemburgo, 2016. 91 p.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. **Software livre**: a luta pela liberdade do conhecimento. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SPINK, Mary Jane; MENEGON, Vera Mincoff; MEDRADO, Benedito. Oficinas como estratégia de pesquisa: articulações teórico-metodológicas e aplicações ético políticas. *Psicologia & Sociedade*, Belo Horizonte, v. 1, n. 26, p. 32-43, 2014. Disponível em:https://www.scielo.br/j/psoc/a/wrfMHbjhHNppX7Lppk8DMNJ/?lang=pt. Acesso em: 10 dez. 2021

VARELA, Francisco. **Sobre a competência ética**. Lisboa: Edições 70, 1992.

VASCONCELOS, Thaís Lopes; GOMES, Claudia Maria Costa.Capitalismo de plataforma. **O Social em Questão**, v. 1, n. 58, 2023.